

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DACHS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO E TECNOLOGIA**

ALESSANDRA SIMONE MARTINS MUNHOZ GARCIA

**ANÁLISE DA ALFABETIZAÇÃO DIGITAL E DO LETRAMENTO
DIGITAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA
PRIVADA DE LONDRINA/PR**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

LONDRINA

2016

ALESSANDRA SIMONE MARTINS MUNHOZ GARCIA

**ANÁLISE DA ALFABETIZAÇÃO DIGITAL E DO LETRAMENTO
DIGITAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA
PRIVADA DE LONDRINA/PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino e Tecnologia, do Departamento Acadêmico de Ciências Humanas – DACHS, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof^ª. Me. Claudia de Faria Barbeta.

LONDRINA

2016



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Londrina
Departamento Acadêmico de Ciências Humanas – DACHS
Curso de Especialização em Ensino e Tecnologia



TERMO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DO TRABALHO

por

ALESSANDRA SIMONE MARTINS MUNHOZ GARCIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização foi apresentado em 15 de outubro de 2016 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino e Tecnologia. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Cláudia Faria de Barbeta
Orientador

Eidy Leandro Tanaka de Guandeline
Membro titular

Givan José Ferreira dos Santos
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso –

RESUMO

GARCIA, Alessandra. **Análise da Alfabetização Digital e do letramento digital de alunos do ensino médio de uma escola privada de Londrina/PR.** 2016. 40f. Monografia (Especialização em Ensino e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2016.

Nos últimos anos, as tecnologias de informação e comunicação são cada vez mais sinônimas de inovação e melhoria no processo de ensino e aprendizagem, pois acreditamos que modificados os recursos, esses agem pontualmente no modo como o professor ensina e o modo como o aluno aprende. A quantidade de informações que circulam pelas redes que ultrapassam fronteiras, necessita de uma nova postura do indivíduo diante de uma sociedade tecnológica. Esse cenário tem gerado mudanças sociais e culturais e influenciado comportamentos, exigindo a aquisição de novas habilidades e competências no manuseio de mídias digitais, não apenas para consumirmos o que se tem pronto, mas também ir além: produzirmos recursos autorais através das tecnologias. Considerando tais pressupostos, o trabalho elaborado apresenta a realidade vivida pelos alunos do Ensino Médio de uma escola privada da cidade de Londrina no âmbito do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de ensino e aprendizagem. Para mapear as trajetórias da alfabetização e letramento dos alunos aplicou-se uma pesquisa de campo, descritiva de levantamento de dados. Foi realizado um levantamento de dados através de um questionário, entrevistas e conversas, a fim de mapear as ferramentas mais comuns usadas neste processo, comportamentos diante das tecnologias no processo de aprendizagem, bem como sua aplicabilidade, domínio e produção de material por síntese de resultado.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Digital. Ensino Médio.

ABSTRACT

GARCIA, Alessandra. **Analysis of digital literacy and digital literacy of high school students of a private London school / PR.** 2016. 40f. Monograph (Specialization in Education and Technology) - Federal Technological University of Paraná. London, 2016.

In recent years, information and communication technologies are increasingly synonymous with innovation and improvement in teaching and learning, as it is believed that modified the resources, these act promptly in the way teachers teach and how students learn . The amount of information circulating through the networks that cross borders, requires a new attitude of the individual in front of a technological society. This scenario has generated social and cultural changes and influenced behaviors, which requires the acquisition of new skills and competencies in handling digital media, not only to consume what you have done, but also go further: produce copyright resources through technologies. Considering these assumptions, the elaborate work presents the reality experienced by high school students of a private school in the city of Londrina in the use of Information and Communication Technologies (ICT) in teaching and learning. To map the trajectories of literacy and literacy of students applied field research, descriptive data collection. a data survey was conducted through a questionnaire, interviews and conversations in order to map the most common tools used in this process, behavior on the technology in the learning process and its applicability domain and production material.

Keywords: Literacy. Literacy. Digital. High School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Reconhece a tela inicial a partir de ferramentas Erro! Indicador não definido.	9
Gráfico 2 - Reconhece os programas a partir de seu nome, da imagem que o representa na interface, da forma da janela que o suporta.....	20
Gráfico 3 - Seleciona/cria locais adequados para o armazenamento de arquivos. ..	21
Gráfico 4 - Reconhece os elementos que compõe a barra de status nos diferentes programas.....	22
Gráfico 5 - Reconhece e diferencia ferramentas (na internet ou no computador) de busca de informações e diferencia das demais ferramentas.. ..	23
Gráfico 6 - Reconhece ferramentas de linguagem de programação (aspas, +, e, ou).. ..	23
Gráfico 7 - Analisa a estrutura dos menus e localiza um comando.....	24
Gráfico 8 - Diferencia endereços de sites hospedados em provedores gratuitos e provedores pagos.....	25
Gráfico 9 - Sabe definir o que é um hipertexto.....	26
Gráfico 10 - Reconhece elementos (gráficos e linguísticos) que sinalizam a presença de um link.....	27
Gráfico 11 - Reconhece os diversos gêneros que se organizam em hipertexto digital.. ..	28
Gráfico 12 - Localiza-se nas várias camadas que compõem um hipertexto.. ..	28
Gráfico 13 - Criação de hipertexto.....	29
Gráfico 14 - Conhece, interpreta e respeita as normas para publicação, divulgação e reprodução de conteúdo on-line.....	30
Gráfico 15 - Costuma utilizar: editor de texto, planilhas eletrônicas, apresentadores digitais, programas de conversão de áudio e imagens, aplicativos digitais livres.....	31

Gráfico 16 - Para criação digital já utilizou: prezi, textos multimodais, dropbox e google drive.....	32
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA CULTURA DIGITAL..... 10

3 METODOLOGIA

ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.9

5 CONCLUSÃO

ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.4 REFERÊNCIAS..... 36

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as tecnologias de informação e comunicação são cada vez mais sinônimas de inovação e melhoria no processo de ensino e aprendizagem, pois se acredita que modificados os recursos, esses agem pontualmente no modo como o professor ensina e o modo como o aluno aprende. Essa nova visão tem sido influenciada devido ao crescimento das aplicações hipermídia.

De acordo com Gosciola (2004, p.34), hipermídia é

o conjunto de meios que permite acesso simultâneo a textos, imagens e sons de modo interativo e não linear, possibilitando fazer links entre elementos de mídia, controlar a própria navegação e, até, extrair textos, imagens e sons cuja sequência constituirá uma versão pessoal desenvolvida pelo usuário.

A quantidade de informações que circulam pelas redes necessita de uma nova postura do indivíduo diante de uma sociedade tecnológica. Esse cenário tem gerado mudanças sociais e culturais e influenciado comportamentos, exigindo a aquisição de novas habilidades e competências no manuseio de mídias digitais, não apenas para consumirmos o que se tem pronto, mas também ir além: produzirmos recursos autorais através das tecnologias.

No entanto, apesar de vivermos na era digital, percebe-se que ainda caminhamos no processo de agregar competências tecnológicas tanto nas práticas do professor quanto no fazer do aluno. A questão é se estamos preparados para sermos parte de um universo que perpassa pelas tecnologias no contexto de interação social. Para isso o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) precisa sair do uso mecânico e assumir um papel significativo, para então considerar o sujeito inserido na cultura digital.

Trocar, por exemplo, o quadro negro pela lousa digital não é uma mudança que tenha sentido no contexto social e, principalmente, no educacional, se o professor não reavaliar suas concepções metodológicas. Faz-se necessário levar os

envolvidos neste processo, alunos e professores, a desenvolver uma reflexão e ação no contexto digital, especialmente no âmbito pedagógico.

Considerando tais pressupostos, o trabalho elaborado debruça-se sobre a realidade vivida pelos alunos do Ensino Médio de uma escola privada da cidade de Londrina no âmbito do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de ensino e aprendizagem. O tema desta pesquisa justifica-se a partir das observações empíricas durante a atividade profissional desta pesquisadora que atua como Analista de Tecnologia Educacional numa escola particular na cidade de Londrina/PR. A partir dessas observações, percebeu-se que, no cotidiano escolar dos alunos investigados, no que se refere ao uso das TIC, faz-se necessário a aquisição de habilidades referentes à alfabetização e ao letramento digital.

Ao lançarmos nosso olhar para esse contexto, surgiu a seguinte pergunta que norteia a presente pesquisa: **quais são os conhecimentos que os alunos possuem quanto ao uso das tecnologias, tanto no ambiente escolar quanto no social, particularmente no que se refere à Alfabetização Digital e ao letramento digital?**

Assim posto, esse trabalho monográfico tem o objetivo de investigar quais são conhecimentos dos alunos sujeitos desta pesquisa quanto ao uso das tecnologias em seu ambiente escolar e social, averiguando, assim a Alfabetização Digital e o Letramento Digital.

O conceito de letramento delinea-se para além do processo de alfabetização, ou seja, “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p.20).

Além da elaboração da investigação e análise da pesquisa, busca-se alcançar outros objetivos específicos tais como:

- a) Identificar o que é Alfabetização Digital e Letramento Digital
- b) Verificar as diferenças e/ou aproximações conceituais dessas duas categorias epistemológicas.
- c) Verificar quais são as práticas de alfabetização e de letramento digitais dos alunos investigados.

Para mapear as trajetórias da alfabetização e letramento dos alunos aplicou-se uma pesquisa de campo, descritiva de levantamento de dados. Ao aplicar a pesquisa procurou-se verificar as práticas de alfabetização e letramento de alunos do Ensino Médio e precedemos à análise dos resultados.

Foi realizado um levantamento de dados através de um questionário, entrevistas e conversas, a fim de mapear as ferramentas mais comuns usadas neste processo, comportamentos diante das tecnologias no processo de aprendizagem, bem como sua aplicabilidade, domínio e produção de material.

Visando responder à questão norteadora da pesquisa, organizamos a trajetória deste trabalho da seguinte maneira: o capítulo introdutório traz a contextualização do problema e a justificativa do tema, além de delimitar os objetivos da investigação. Em seguida, são apresentados os conceitos, as diferenças e as aproximações de alfabetização e letramento, expandindo-se para Alfabetização Digital e letramento digital. Na seção Metodologia, há a explicação sobre a escolha do método de pesquisa, dos sujeitos, a dinâmica de coleta de dados. Em Análise dos Dados, realizamos a discussão dos dados coletados e posteriormente trazemos nossas considerações finais no capítulo Conclusão.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA CULTURA DIGITAL

Quando podemos dizer que um indivíduo é alfabetizado ou letrado? E quando estendemos esse questionamento para alfabetizado digital ou letrado digital?

Primeiramente precisamos refletir sobre o contexto social em que estamos inseridos, caracterizado pela sociedade tecnológica, exigindo dos indivíduos competências para dominar as tecnologias tão presentes no nosso cotidiano, sob pena de ficarem à margem dessa sociedade. A escola tem importância fundamental como instituição responsável por transformações sociais e históricas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 1998, p.139), “a escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionar de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano”.

Freitas (2011) defende que no cenário da sociedade tecnológica, a escola está deixando de ser o “único” lugar de legitimação do saber, o que se constitui em um enorme desafio para o sistema educativo.

O indivíduo precisa desenvolver estratégias para acessar, localizar, filtrar e avaliar criticamente a informação disponibilizada no ciberespaço, além de conhecer as normas que regem a comunicação mediada por computador (LÉVY, 1999).

A escola possui grande influência na formação do indivíduo, sendo participativa e colaborativa em uma sociedade tecnológica. Para tanto se faz necessário que ela incorpore uma educação democrática, com proposta que compreenda a participação ativa do aluno e que este possa se apropriar da evolução de uma sociedade tecnológica.

Segundo Moran (2006), é importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos.

Nesse cenário, diferentes conceitos e terminologias emergem do contexto digital, entre eles a Alfabetização Digital e o Letramento Digital. No entanto, antes de nos aprofundarmos nesses conceitos, é importante focarmos nas diferenças entre alfabetização e letramento.

De acordo com Magda Soares (1998) o indivíduo alfabetizado é aquele capaz de ler e escrever. Alfabetização se ocupa da aquisição da escrita, por um indivíduo ou grupo de indivíduos. É o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever. A alfabetização é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação. Esse processo não se deve resumir apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar e produzir conhecimento. A alfabetização envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral.

Analisando a autora citada, vemos que a alfabetização é o apoderamento por parte dos indivíduos de códigos e linguagens para uma melhor inserção na sociedade e possibilitando tornar-se cidadão pensante, crítico e ativo, podendo interferir na sociedade que está inserido.

Por outro lado, Soares (1998) defende que o letramento é mais que alfabetizar. Letramento envolve ensinar a ler e escrever dentro de um contexto, qual a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno, podendo assim ultrapassar a alfabetização funcional (denominação dada às pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita).

Em outras palavras, Soares (2004), define alfabetização como ação de ensinar/aprender a ler e escrever, enquanto o letramento, para a autora, é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais de leitura e de escrita.

Nesse sentido, Soares (2004) amplia o conceito de letramento, posto que envolva as práticas de leitura e de escrita realizadas pelos indivíduos em seu contexto social.

Alfabetização pressupõe o ensino/aprendizagem e símbolos que levam à codificação e decodificação dos signos linguísticos. Neste sentido, ser alfabetizado pode ser um passo para ser letrado, no entanto não garante a aquisição. Devemos

nos atentar para não tendermos a confundir aquisição de letramento com a noção de letramento, isto é, com a flexibilidade para decifrar escrita, cumprir exigências básicas obrigatórias. (Barton, 1994).

Quanto à Alfabetização Digital essa também se difere de Letramento Digital.

Para que haja uma Alfabetização Digital, se faz necessária a leitura e a escrita através de equipamentos digitais, computador, *tablet*, celular, nos quais, o indivíduo fará uso de uma linguagem e recursos que possibilitem através de signos e gestos a produção de trabalhos que possam ser transmitidos, vinculados, divulgados, bem como armazenados.

A Alfabetização Digital define-se por um aprendizado, que envolve signos linguísticos, sistemas de linguagem verbal e não-verbal que permite ao sujeito desenvolver práticas de leitura e de escrita em ferramentas digitais. Portanto trata-se de uma alfabetização feita a partir de recursos tecnológicos dentro do contexto do Letramento Digital. Os instrumentos digitais trazem novas formas de registros sociais da escrita e no modo com o se lê os textos, em especial, por conta da hipertextualidade.

Frequentemente o termo “Alfabetização Digital” é usado para significar, por exemplo,

a aquisição de competências básicas para o uso de computadores e também das redes, conjuntamente com o objetivo de transformar através desses meios não somente os indivíduos, mas também a comunidade em que está interagindo com uma postura de responsabilidade e sentido de cidadania. (TAKAHASHI, 2000. p. 31)

Portanto uma pessoa alfabetizada digitalmente deverá ser capaz de, a partir das informações obtidas terem a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a essas informações. De ter uma postura crítica e discernida diante de um universo de informações aos quais está exposto diariamente, para organizá-las, aplicá-las, interagindo com o outro e buscando ocupar seu papel de cidadão ativo na sociedade.

Emília Ferreiro (2001) destaca que devido à rápida propagação dos dispositivos de comunicação digital em nossa sociedade, testemunhamos a aquisição da escrita por crianças através do teclado de um celular. A autora também destaca casos de crianças que escrevem seus primeiros textos no celular de um adulto. São crianças que começam a escrever com os polegares.

Desse modo, para se adquirir um letramento, necessita-se “experimentar participação em uma prática discursiva letrada” (KLEIMAN, 1995, p.18), a qual envolve “tecnologias, habilidades especiais e saberes” (KLEIMAN, 2005, p.13).

As escolas sempre ocuparam uma posição determinante na alfabetização e letramento. Isso se deve aos Parâmetros Curriculares, aos conteúdos, como ensinar e forma de avaliar.

De acordo com Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002), “não poderá haver sociedade da informação sem cultura informacional e que o maior problema da inclusão digital não é a falta de computadores, mas o analfabetismo em informação”.

Dentro do contexto escolar, o ensino da linguagem deve ser direcionado a três fundamentos básicos: a leitura, a compreensão e a produção numa relação de contexto social, propondo assim que a alfabetização e o letramento façam parte do ensino da língua em sua prática social, alcançando assim uma dinâmica de alfabetização/letramento.

Os letramentos suscitam práticas sociais e culturais que levam o indivíduo a se apropriar de significados diante da sociedade na qual está inserido. Facilitando a criação da identidade do grupo ao qual pertence, aprendendo desta forma a partilha seus conhecimentos e se beneficiar nas práticas coletivas, as quais são totalmente diferentes em vários ambientes sociais e culturais. Todo letramento é útil em qualquer direção específica, no entanto não se restringe ao cumprimento de apenas uma demanda social externa: torna-se uma ação, direção que sustenta a visão de mundo compartilhada por um grupo, com características de identidade.

Com o letramento espera-se que o indivíduo seja capaz de observar formas alternativas de falar, ler e escrever, ou seja, “gêneros do discurso” (Bakhtin, 1992), capaz de interpretar modelos, e a partir deles produzir e elaborar sua compreensão. Seu repertório deverá se ampliar quanto mais inserido ele estiver na diversidade das suas atividades (escolar, cultural, política, social), pois vai exigir dele um maior apoderamento dos letramentos.

De acordo com do Marcuschi & Xavier (2004), a existência de *chats* por escrito, em tempo real, fóruns eletrônicos de discussão, comunidades virtuais, e-mails, hipertextos, podem caracterizar gêneros digitais. É nesse cenário que surge o que definimos como letramento digital.

Segundo Buzato (2004), o letramento digital torna-se pluralizado porque afeta um conjunto de práticas sociais que levam recursos tecnológicos que se especializam em práticas, funções específicas que envolvem o indivíduo no seu contexto social, geográfico, cultural por meio da interação com o mundo mediado pelas TIC.

Segundo Lankshear e Knobel (2008), o Letramento Digital faz parte de um conjunto maior de “novos letramentos”, que surgiram da necessidade de mudanças envolvendo todos os âmbitos em que o indivíduo está inserido, a sociedade, o trabalho, a escola e a família.

Para os autores, o indivíduo precisa de diferentes habilidades e competências, para gerar novos eventos de letramento, portanto necessita de sistemática, para uma maior compreensão e uso, dentro de uma sociedade moderna e em constante mudança.

Essas novas exigências, culturais, sociais e tecnológicas impulsionam o aluno a aquisição de novos letramentos em especial do digital.

Segundo Kleiman (1995), quando falamos de Letramento Digital, abordamos práticas de leitura e escrita diferentes e bem singulares. Portanto um alfabetizado e letrado que domina a leitura e escrita e domina diversos gêneros, mesmo assim, este pode ser que não seja letrado digitalmente, pois este letramento requer práticas de leitura e escrita diferentes das tradicionais.

Para ser considerado letrado digitalmente (Lerner, 2002), é preciso assumir a postura de mudança na forma de ler e escrever, pois irá exigir além dos sinais verbais, os não-verbais, como imagens e desenhos, e os recursos a serem utilizados neste letramento também são diferentes, começando pelas leituras feitas através dos dispositivos digitais.

Diante desta realidade de nova postura e exigência diante de uma sociedade tecnológica, a forma de aprender e ensinar vem passando por mudanças e transformações necessárias.

Segundo Tapscott, apud Xavier (2006), os alunos desenvolvem algumas habilidades e que nos leva a refletirmos diante do papel das Instituições de ensino:

- Independência e autonomia na aprendizagem;
- Abertura emocional e intelectual;
- Preocupação pelos acontecimentos globais;

- Liberdade de expressão e convicções firmes;
- Curiosidade e faro investigativo;
- Imediatismo e instantaneidade na busca de soluções;
- Responsabilidade social;
- Senso de contestação;
- Tolerância ao diferente;

Se essas são habilidades do novo perfil dos alunos, nossa visão sobre letramento digital precisa ser ampliada além da construção de texto multimodal, pois precisamos considerar a existência paralela de vários tipos de letramento, dentro da sociedade, que surgiram devido às inovações tecnológicas.

Letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao contrário, há diferentes Letramentos. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem variadas mídias e sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser considerados diferentes letramentos, como letramento fílmico e letramento computacional (computer literacy). (BARTON E HAMILTON ,1998, p. 9)

Para alcançarmos uma sociedade alfabetizada e letrada digitalmente, precisamos da aquisição de dispositivos digitais, mas esse é o primeiro passo, o mais importante são as habilidades e competências que devem ser desenvolvidas nas pessoas para suas práticas sociais, culturais e políticas. Retomar o conhecimento e não uma avalanche de informação e não saber o que fazer com elas.

Oferecer uma gama de dispositivos digitais para alunos interessados e habilitados a utilizar esses equipamentos, não garante um ganho no seu conhecimento e aprendizado. Mesmo os mais adultos que não nasceram na “era digital”, quando colocados em contato com os equipamentos e tomam uma postura de desafio, e começam a manusear os softwares, ficam aptos a fazer uso adequado desses recursos.

O que se espera das escolas é levar os alunos a compreenderem que a tecnologia é uma linguagem que também molda e organiza relações, que seu uso coletivo permite a criação e vinculação de conteúdos autorais que possam integrar e entrelaçar os indivíduos e a sociedade.

De acordo com Borges e Silva (2006), as pessoas estarão inseridas na Sociedade da Informação quando são capazes de desenvolver as habilidades necessárias para acessar e usar a informação.

3 METODOLOGIA

Para responder ao problema que norteou a presente pesquisa **quais são os conhecimentos que os alunos possuem quanto ao uso das tecnologias, tanto no ambiente escolar quanto no social, particularmente no que se refere à Alfabetização Digital e ao letramento digital**, optou-se pela pesquisa de campo, descritiva de levantamento de dados, que segundo Gil (2008) é a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Procedeu-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados. Ainda conforme Gil (2008) uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A pesquisa foi realizada em uma escola particular da cidade de Londrina e envolveu 47 alunos do Ensino Médio. Os sujeitos observados, no grupo de alunos, são adolescentes de ambos os sexos com idades entre 16 e 17 anos, do Ensino Médio (1ª série e 2ª série). A escolha dos alunos participantes foi através de convite e selecionando os mais variados perfis estudantis.

Para a coleta de dados foi construído um questionário com 16 perguntas, contendo questões com respostas fechadas, de escolha simples ou de múltipla escolha, buscando investigar a Alfabetização Digital e o Letramento Digital dos sujeitos participantes.

Com a aplicação do questionário ocorreu uma investigação nas práticas de Letramento Digital e uma análise de autonomia das diversas interfaces. Portanto optou-se por uma abordagem quantitativa (GOLDENBERG, 1999).

A formulação de questionário requer recomendações, segundo Aaker et al. (2001), é considerada uma “arte imperfeita”, pois não existem procedimentos exatos que garantam que seus objetivos de medição sejam alcançados com boa qualidade.

Para a elaboração e aplicação do questionário, segundo Aaker se faz necessário o bom senso e conhecimento do assunto a ser abordado. Para isso o autor recomenda alguns passos:

Etapa	Passos
Planejar o que vai ser Mensurado	Evidenciar os objetivos da pesquisa
	Definir o assunto da pesquisa em seu questionário
	Obter informações adicionais sobre o assunto da pesquisa a partir de fontes de dados secundários e pesquisa exploratória
	Determinar o que vai ser perguntado sobre o assunto da pesquisa
Dar Forma ao Questionário	Para cada assunto, determinar o conteúdo de cada pergunta
	Decidir sobre o formato de cada pergunta
Texto das Perguntas	Determinar como as questões serão redigidas
	Avaliar cada uma das questões em termos de sua facilidade de compreensão, conhecimentos e habilidades exigidos, e disposição dos respondentes.
Decisões sobre Sequenciamento e Aparência	Dispor as questões em uma ordem adequada
	Agrupar todas as questões de cada sub-tópico para obter um único questionário
Pré-Teste e Correção de Problemas	Ler o questionário inteiro para verificar se faz sentido, e se consegue mensurar, o que está previsto para ser mensurado
	Verificar possíveis erros no questionário
	Fazer o pré-teste no questionário
	Corrigir o problema

Figura 1 – Passos para a elaboração de um questionário.

O questionário elaborado foi fechado, que apesar de se apresentarem de forma mais rígida do que os abertos, permite a aplicação direta de tratamentos estatísticos com auxílio de computadores e elimina a necessidade de se classificar respostas, possivelmente induzindo tendências indesejáveis.

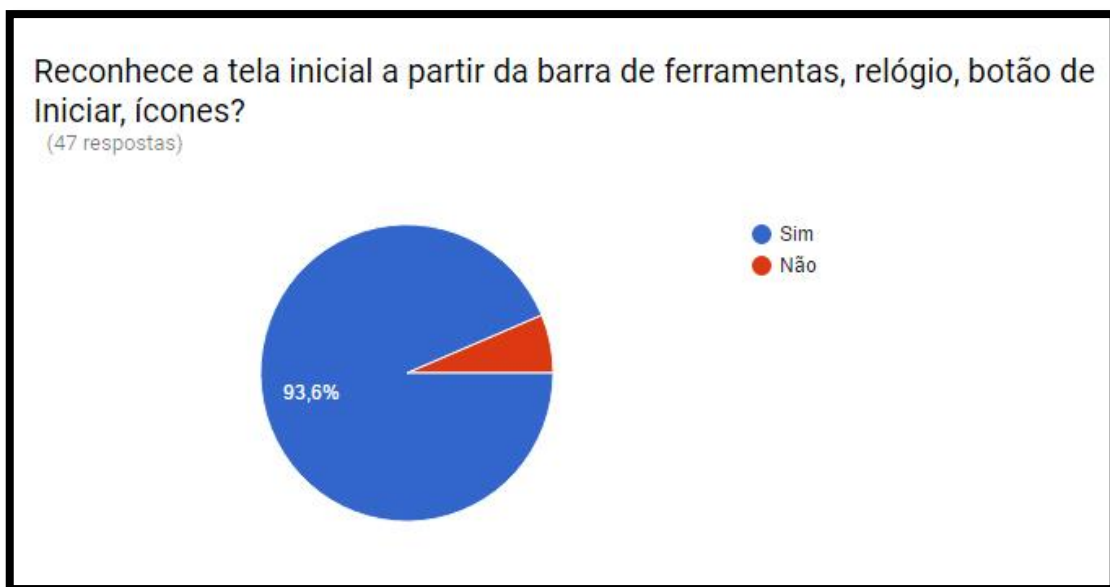
O pesquisador define as alternativas que podem ser apontadas pelo pesquisado, que deve assinalar aquela (s) que mais se ajusta (m) às suas características, ideias ou sentimentos. Utilizaram-se as respostas dicotômicas, cujas respostas se opõem.

Após autorização prévia da direção da escola, aplicamos o questionário através do *Google Docs*, e disponibilizado o link para os participantes, facilitando a tabulação de dados posterior. Foi dividido em três sessões: informações pessoais, uso das tecnologias digitais e uso das tecnologias digitais na escola. O questionário foi aplicado durante o horário de aula dos alunos do Ensino Médio, no laboratório de informática. Cada aluno respondeu a pesquisa individualmente sem que houvesse a obrigatoriedade de informações pessoais, isentando desta forma qualquer vínculo com os dados fornecidos.

Para a apresentação dos resultados o tipo de amostragem escolhida neste trabalho foi a Amostragem baseada em agrupamento, onde os indivíduos pertencem a um grupo definido, no nosso caso alunos da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nessa seção, trazemos à discussão os dados coletados por meio do



qu
esti
on
ári
o.
As
res
po
sta
s
en
co

ntradas são mostradas por meio de gráficos. Segue abaixo a pesquisa aplicada, bem como os resultados obtidos.

Os gráficos de número 1 a 8 focalizam a Alfabetização Digital enquanto que os gráficos de número 9 a 16 trazem dados a respeito do letramento digital.

Os primeiros questionamentos se destinaram aos conhecimentos gráficos dos softwares:

Gráfico 1: Reconhece a tela inicial a partir de ferramentas.

Fonte: autoria própria.

Os dados apresentados no gráfico 1 revelam que a maior parte dos respondentes são capazes de reconhecer a tela inicial a partir de ferramentas, relógio, botão de iniciar e ícones. Chama-nos a atenção o fato de 6,4 % desses alunos do ensino médio de uma escola privada declarar que são incapazes de reconhecer a tela inicial a partir de ferramentas, relógio, botão de iniciar e ícones. Isso nos leva a inferir que, embora imersos no mundo digital, esses estudantes realizam uma leitura dos códigos e comandos tecnológicos.

Partindo deste ponto, entende-se que a Alfabetização Digital se além a manipulação dos equipamentos digitais, a forma de sua utilização, quando, porque e como utilizá-los, determinado que os usuários necessitem que algumas habilidades, segundo Silva (2002),

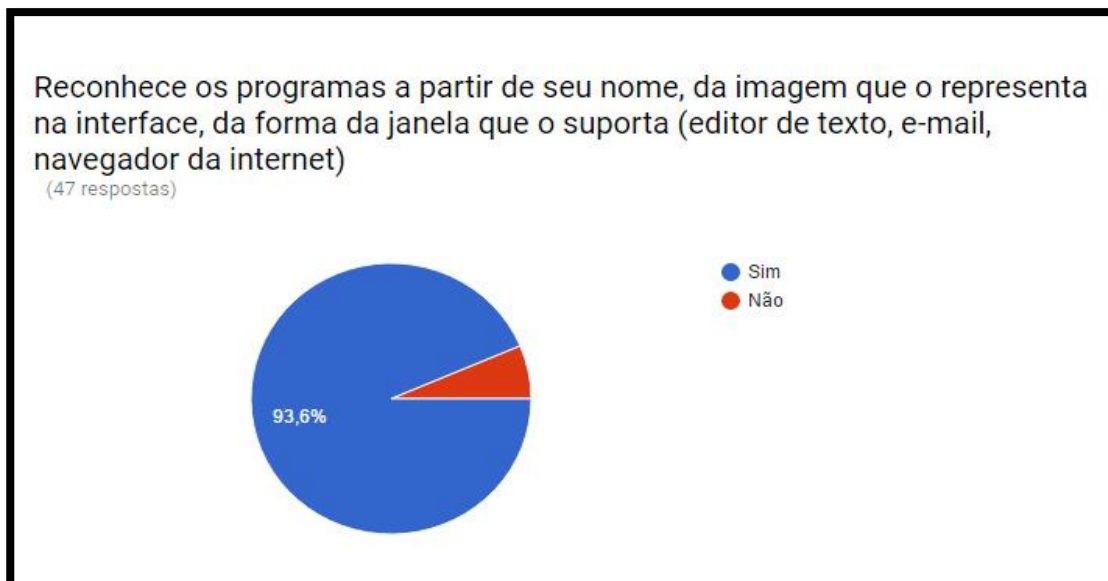


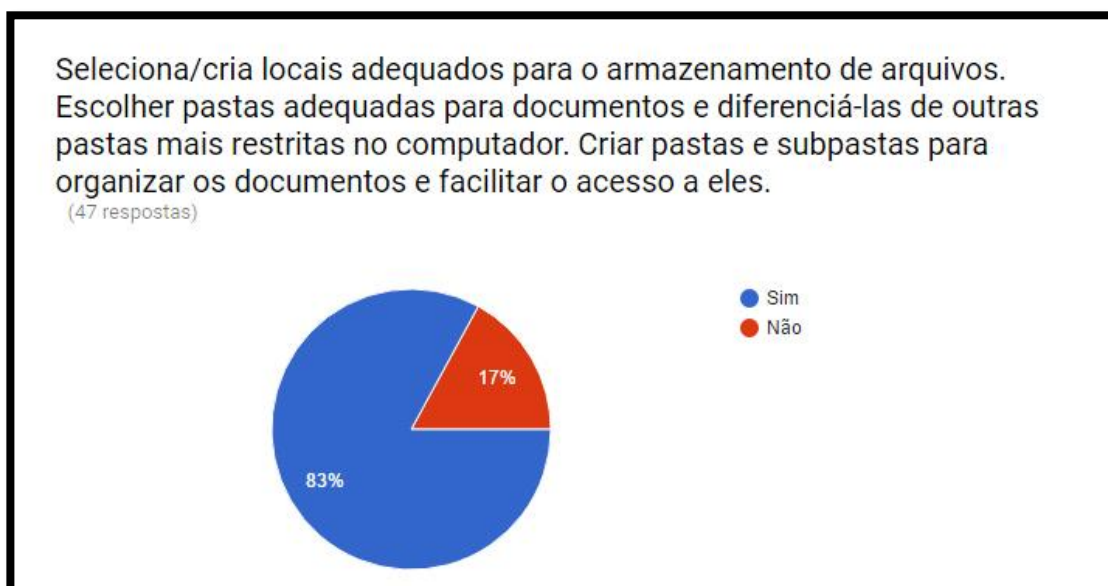
Gráfico 2: Reconhece os programas a partir de seu nome, da imagem que o representa na interface, da forma da janela que o suporta.

Fonte: autoria própria.

Possivelmente as respostas negativas vislumbradas no gráfico 2 se deram em relação às terminologias utilizadas, como “editor de texto” e não Word, “navegador da internet” e não Google Chrome. Esses sujeitos são pouco familiarizados com a terminologia técnica das tecnologias de informação e comunicação. Esse “ruído” pode ter levado às respostas negativas que encontramos na questão representada do gráfico de número 3.

Os gráficos 1 e 2 fazem apontamentos que demonstram se aluno apresentam os primeiros requisitos da Alfabetização Digital: reconhece a tela inicial a partir de ferramentas, bem como os programas a partir de seu nome, da imagem que o representa na interface, da forma da janela que o suporta.

Partindo da definição que a Alfabetização Digital é a compreensão do funcionamento do sistema operacional do computador, área de trabalho, ícones e atalhos, assim estes são os primeiros passos para que o uso das TIC aconteça e permita ao usuário ir além daquilo que intuitivamente atingiu no contato com estas



ferr
am
ent
as.
Afin
al
qua
ndo
o
alu
no
inici

a a sua trajetória escolar, não aprende a escrever apenas porque tem acesso ao lápis e caderno, mas para isso se faz necessário um processo de ensino e aprendizagem, assim também os alunos demonstram que sem incentivo de manipulação, colaboração e uso correto das tecnologias de informação e comunicação, serão capazes apenas do uso da tecnologia pela tecnologia.

Gráfico 3: Seleciona/cria locais adequados para o armazenamento de arquivos.
Fonte: autoria própria.

Essa questão traz à tona a importância de o adolescente, ainda na escola descobrir noções de curadoria digital (gestão e organização de dados digitais), conceito que envolve a pesquisa na rede digital, a seleção e a organização desses dados.

Além disso, é interessante abordar que a habilidade de organizar em pastas e subpastas os documentos criados, evita que o usuário perca tempo, evita que esses dados sejam perdidos.

Enfim, tratar da importância de os alunos possuírem essa habilidade, no que isso poderá contribuir na construção do cidadão digital.

Segundo Tonidandel, Maissiat e Camargo (2006, p. 4) “Alfabetização Digital pressupõe não o conhecimento técnico especializado, mas sim, ao desenvolvimento das habilidades de interpretação das mensagens veiculadas tecnologicamente e de manipulação técnica das tecnologias”.

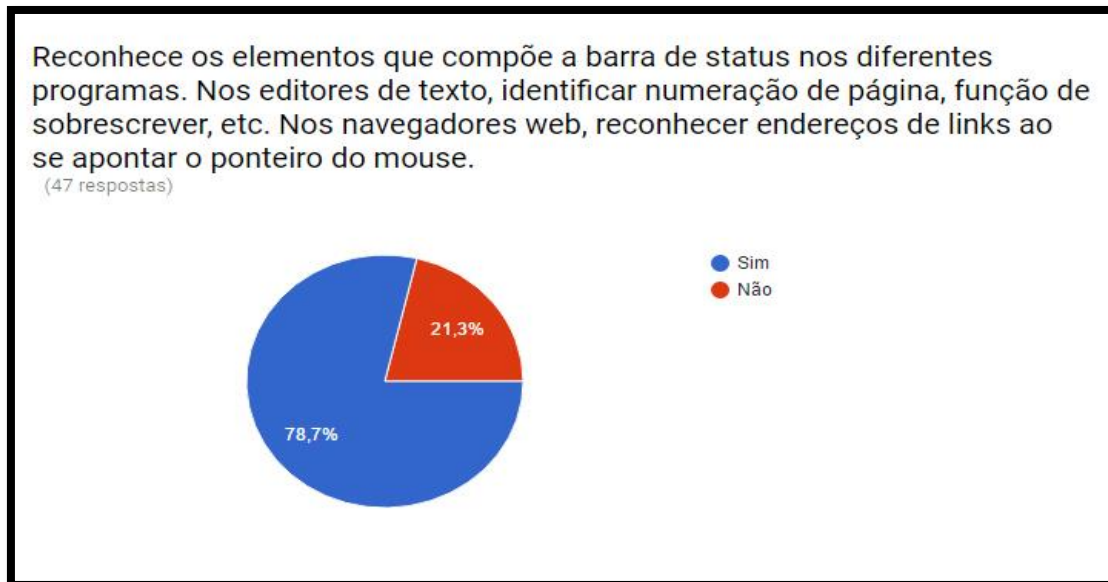


Gráfico 4: Reconhece os elementos que compõe a barra de status nos diferentes programas.

Fonte: autoria própria.

Para exemplificar, se a ação é comunicar-se com outra pessoa virtualmente via computador, o letrado técnico-operacional em TIC deve saber ligar um equipamento, acessar um navegador de internet, encontrar a barra apropriada para digitar um endereço, seja de uma rede social ou de um provedor de e-mail, acessar sua conta, digitar a mensagem no local apropriado e enviá-la.

Dessa forma a relação dessas habilidades técnico-operacionais aos dados obtidos, verificamos que 21,3% responderam que não são capazes de reconhecer, ou seja, os dados apontam que os alunos não têm essa habilidade. Diante dessa realidade percebe-se a dificuldade que o aluno tem ao se deparar com recursos que não consegue interpretar e limita dessa forma a aplicabilidade dos programas em sua totalidade.

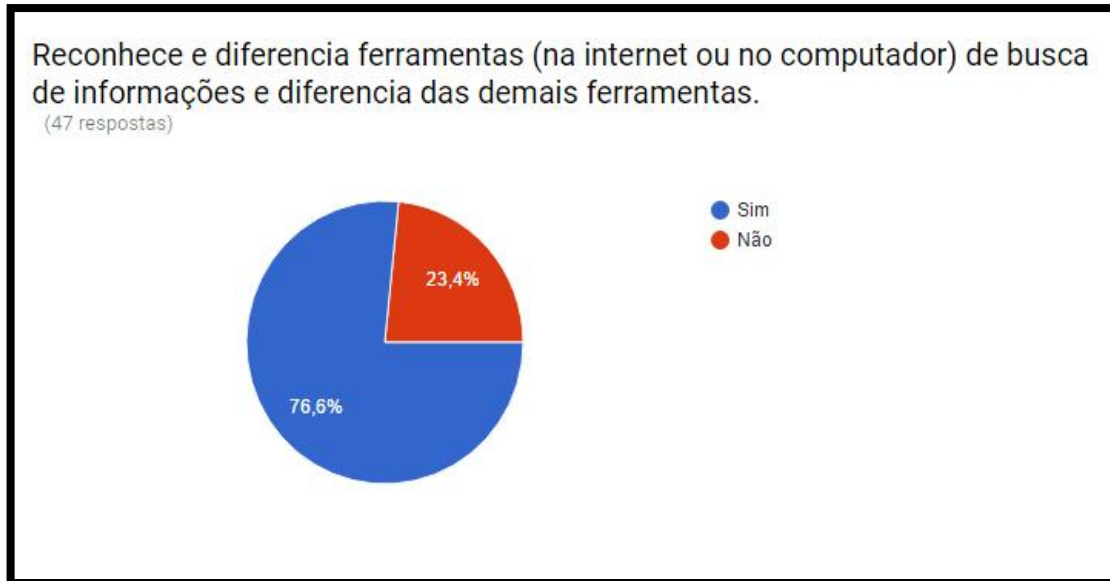


Gráfico 5: Reconhece e diferencia ferramentas (na internet ou no computador) de busca de informações e diferencia das demais ferramentas.

Fonte: autoria própria.

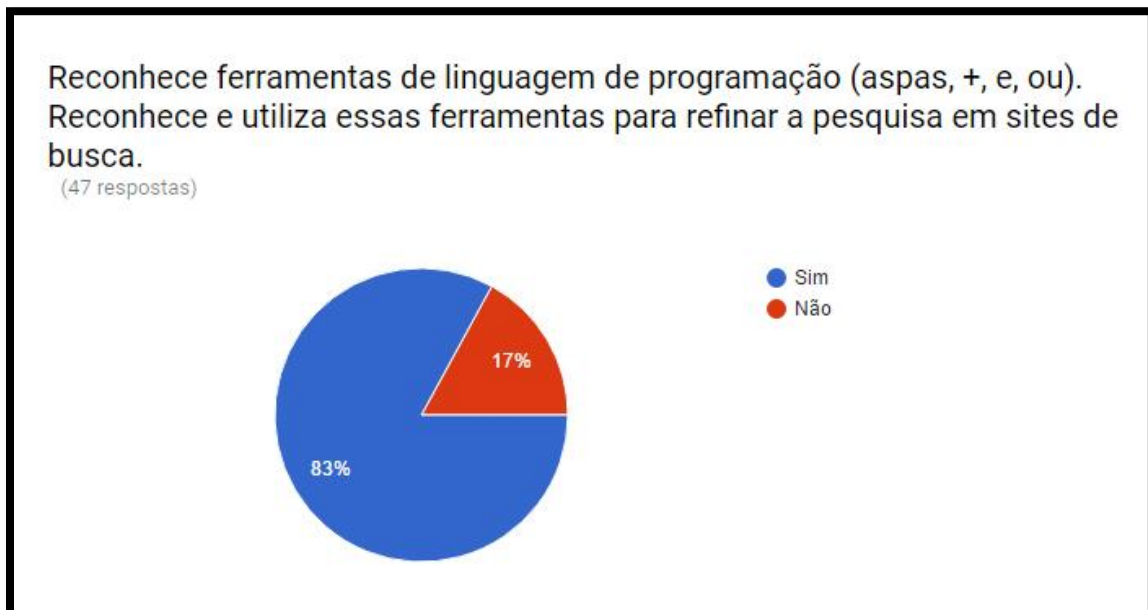


Gráfico 6: Reconhece ferramentas de linguagem de programação (aspas, +, e, ou).
Fonte: autoria própria.

Os gráficos 5 e 6 mostram o que ocasiona ao aluno uma pesquisa mais limitada e pobre de informações. Essa característica não é apenas na pesquisa pela Internet, mas se estende às pesquisas que ocorrem através de outros recursos, como revistas, jornais etc.

Com essa investigação percebe-se que existe o papel fundamental do professor na alfabetização do aluno, visto que este papel é importante não somente neste processo que utiliza mídias digitais, mas em todo o processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos querem acesso às informações rápidas, sem se importar com procedência e fidelidade.

Para Moran (2011), "a internet deixou as pessoas em geral mais acomodadas. Adultos também cometem erros ao realizarem pesquisas online". Ainda apresenta o papel do educador nesta nova dinâmica. "Os educadores pedem tema de estudo, mas não ensinam metodologias", afirma. Não adianta apenas solicitar a pesquisa é necessário orientá-la.

Quando o professor oferece uma aula que incentive o uso das TIC, envolvendo o aluno em uma nova dinâmica, o resultado com certeza será produtivo e possibilita a criação de novos conteúdos.

O público de alunos que está presente nas escolas não vê o uso dos equipamentos digitais com dificuldades e/ou barreiras, o que facilita a Alfabetização Digital. No nosso caso a escola disponibiliza equipamentos e acesso contínuo a estes, o que é um ponto positivo para aquisição desta alfabetização.



Gráfico 7: Analisa a estrutura dos menus e localiza um comando.
Fonte: autoria própria.

Como as novas versões de Sistema Operacionais facilitam a procura de softwares e/ou ferramentas, 31,9% dos usuários se mostraram sem habilidades ou mesmo conhecimento de como acessar os menus e até mesmo inferir sobre eles.

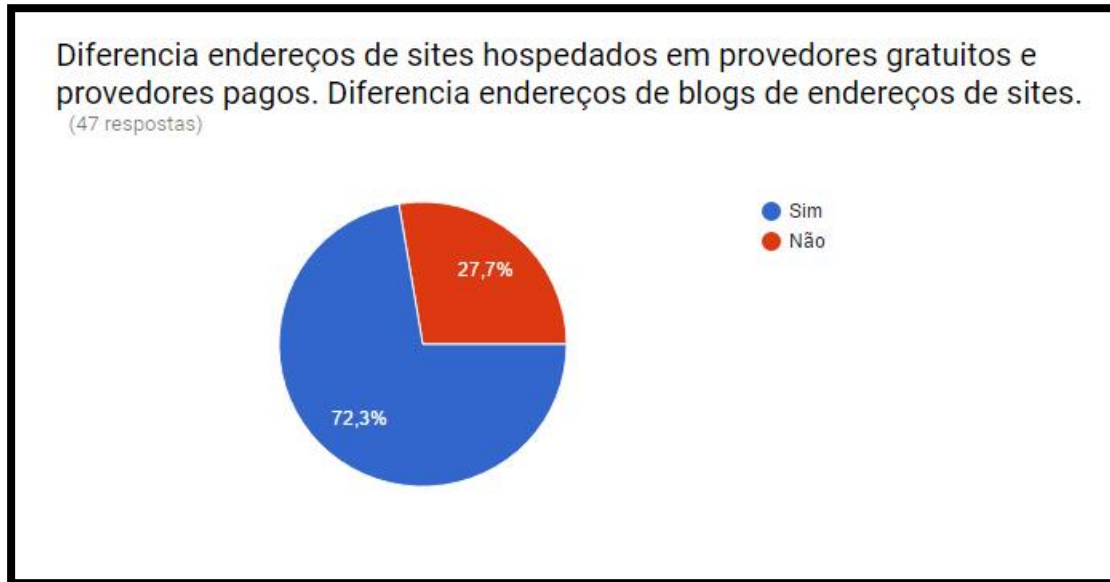


Gráfico 8: Diferencia endereços de sites hospedados em provedores gratuitos e provedores pagos. Fonte: autoria própria.

O acesso a Blogs corresponde à utilização de outros gêneros de discurso e neste caso os alunos que estão dentro dos 27% possivelmente nunca tiveram acesso a esse tipo de recurso. Esse fato nos levar a reflexão que os alunos não são oportunizados em sala de aula para o contato com esse tipo de recurso, que tem a dinamicidade e interação entre os seus utilizadores, possibilitando que o seu uso seja pautado pela facilidade de acesso e atualização constante, permitindo que usuários de informática com diferentes níveis de conhecimento possam fazer uso dessa ferramenta de mídia eletrônica (BARBOSA e SERRANO, 2005).

Esse público possui características que permitem uma alfabetização com mais facilidade.

Segundo Sampaio e Leite (2004, p. 5), “o estudante tem que ser dinâmico e participativo, dando margem para sua própria aprendizagem. Esta se caracteriza por ser um processo de solução de problemas, no qual o aluno está sempre envolvido, guiado por suas próprias reflexões”. Portanto, “dentro da relação aluno/computador, o computador ao ser encarado como um instrumento de apoio as matérias e aos conteúdos lecionados oferecerá ao aluno novas oportunidades de aprendizagem” (Sampaio e Leite, 2004, p. 5).

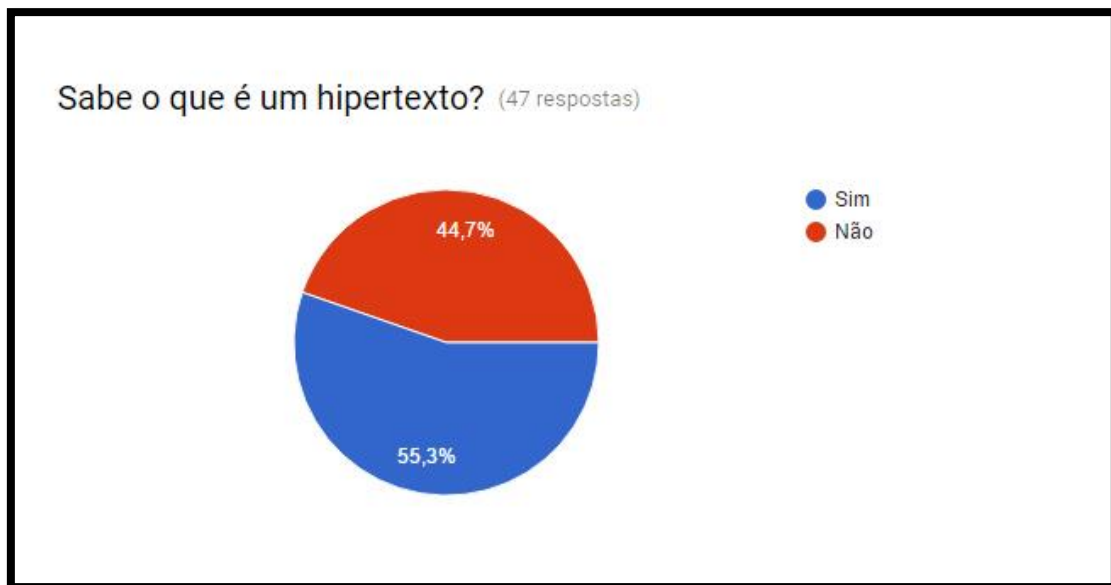


Gráfico 9: Sabe definir o que é um hipertexto.
Fonte: autoria própria.

Foi dado início a partir deste gráfico uma análise das primeiras habilidades e competências do Letramento Digital.

As primeiras compreensões para a criação de hipertextos e saber primeiramente a leitura deles. Quando a resposta é negativa, representa que o aluno não possui ainda os pré-requisitos para essa criação, portanto ao Letramento Digital.

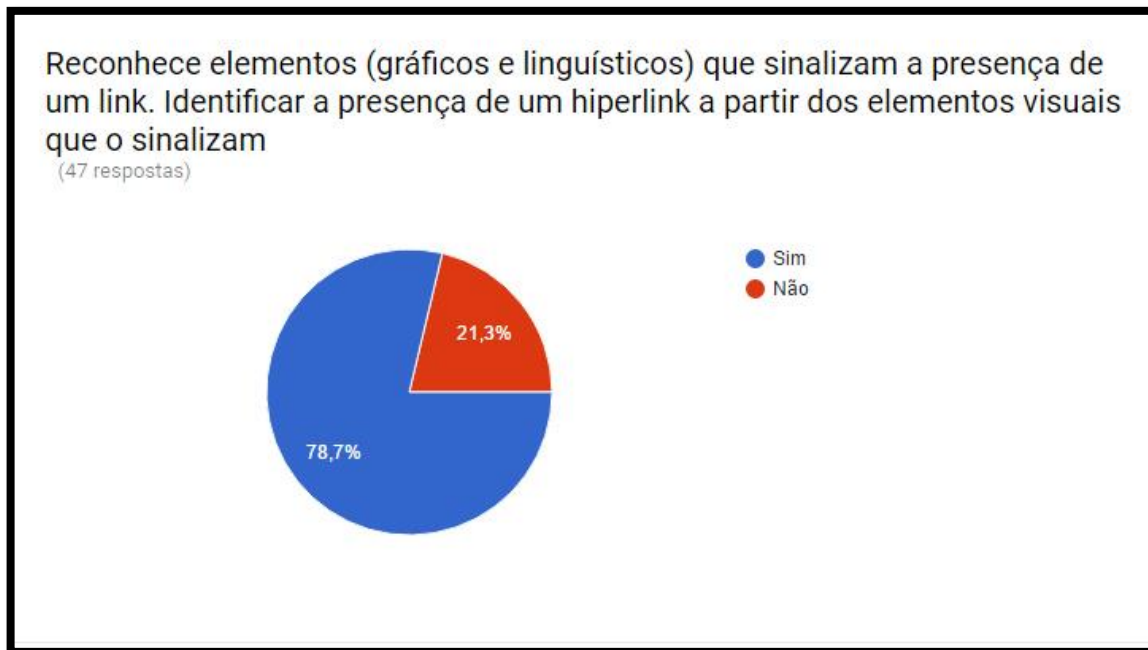


Gráfico 10: Reconhece elementos (gráficos e linguísticos) que sinalizam a presença d um link.
Fonte: autoria própria.

Quanto ao Letramento é preciso considerar que ele se faz a partir de práticas sociais de leitura e de escrita. Isso influenciou fortemente nas pedagogias em torno da alfabetização. Tendo em vista essa mudança na percepção da aquisição das competências leitora e escritora, o ensino, especialmente no campo teórico, pautou-se em uma alfabetização pautada em desenvolver habilidades que fossem além da apropriação de um código escrito e que se mostra como ele pode ser utilizado nas diversas práticas sociais. Como bem descreve Buzato (2006), o letramento digital torna-se pluralizado porque afeta um conjunto de práticas sociais que levam recursos tecnológicos que se especializam em práticas, funções específicas que envolvem o indivíduo no seu contexto social, geográfico, cultural por meio da interação com o mundo mediado pelas TIC.

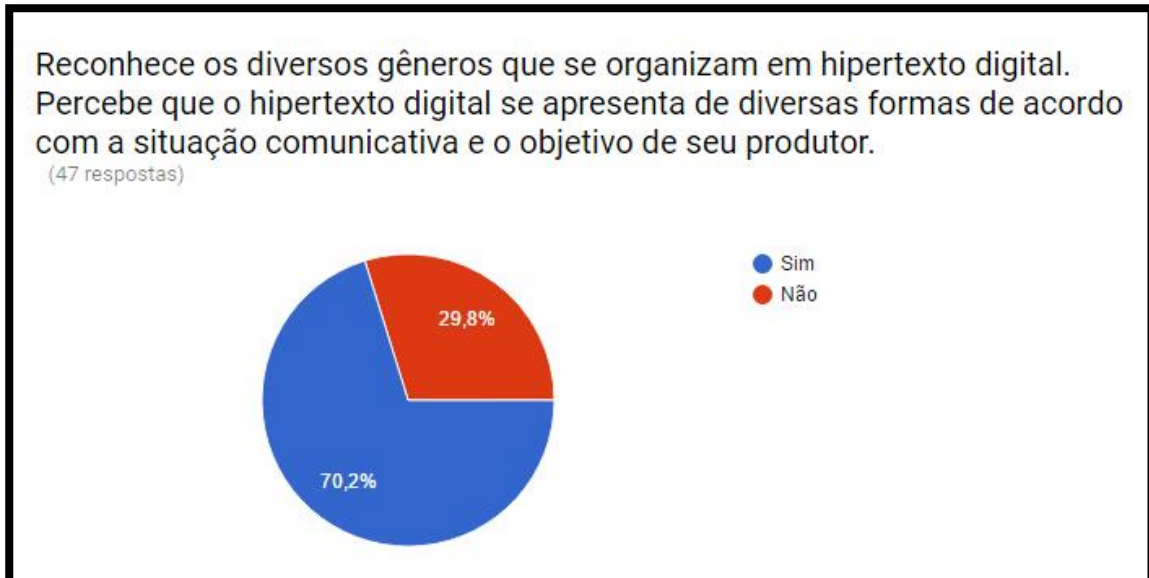


Gráfico 11: Reconhece os diversos gêneros que se organizam em hipertexto digital. Fonte: autoria própria.

Esse gráfico 11 caracteriza a continuação das informações do gráfico anterior. Quando se tem condições de reconhecimento de gêneros e a organização de hipertexto, o aluno já caminha para além de ler e escrever, mas de exerce práticas sociais.

De acordo com do Marcuschi & Xavier (2004), a internet possibilita novas maneiras de produção e novas formas de circulação de discursos, além de diferentes formas de aprender, ensinar, se comunicar, ou seja, novas formas de ver o mundo.



Gráfico 12: Localiza-se nas várias camadas que compõem um hipertexto. Fonte: autoria própria.

Neste caso o aluno começa a apresentar dificuldades na leitura mais complexa do hipertexto, pois exige dele mais habilidades apresentadas até o momento.

Com o advento das novas tecnologias, essas práticas adquiriram novas formas de ler e de escrever. Como bem demonstrado pelos gráficos os participantes ainda demonstram dificuldade em torno do uso de ferramentas digitais. A tecnologia da escrita ainda não é dominada por eles no que diz respeito aos recursos que a modernidade trouxe.

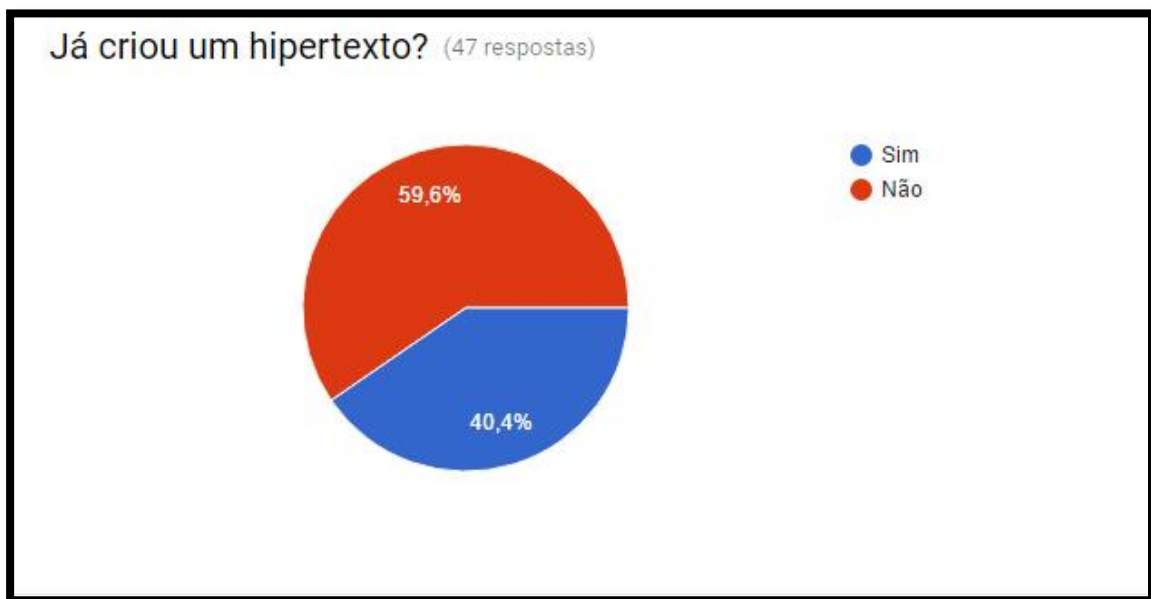


Gráfico 13: Criação de hipertexto.

Fonte: autoria própria.

Esse questionamento, apesar de 40,4% terem respondido que sim, acredita-se que essa criação se limitou a um texto sem todos os recursos que um hipertexto pode oferecer: sinais verbais, não-verbais, como imagens e desenhos, links, vídeos etc.

Gêneros textuais são tipos estáveis de enunciado que refletem as condições específicas e as finalidades de utilização da linguagem. Com a evolução das TIC o os gêneros textuais, sofreram evoluções e adaptações.

Quando a Letramento Digital acontece dentro da escola, como é nosso caso, levam-se em consideração os tipos de mídias e o relacionamento que se tem com elas. Segundo Sampaio e Leite (2004):

[...] Este domínio se traduz em uma percepção global do papel das tecnologias na organização do mundo atual e na capacidade do professor em lidar com as diversas tecnologias, interpretando sua linguagem e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo (Sampaio e Leite (2004, p. 75).



Gráfico 14: Conhece, interpreta e respeita as normas para publicação, divulgação e reprodução de conteúdo on-line.

Fonte: autoria própria.

Percebe-se neste gráfico a falta de conhecimento das regras e determinações para uso de recursos que não são de autorais.

Com o auxílio dos professores, o aluno necessita organizar suas pesquisas e seus pensamentos, melhorar suas habilidades com as palavras e de outra forma assimilarem os conteúdos. Serem instruídos que podem fazer uso de informações de autores renomados, mas de forma correta, através de citações diretas ou indiretas ou através de paráfrases, sempre dando crédito ao autor das informações pesquisadas.

Outra forma é estimular que o aluno pesquise além da Internet, em livros, revistas, jornais e outros.

Levar o aluno a conhecer também as regras que norteiam os trabalhos acadêmicos, visitando e consultando a Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

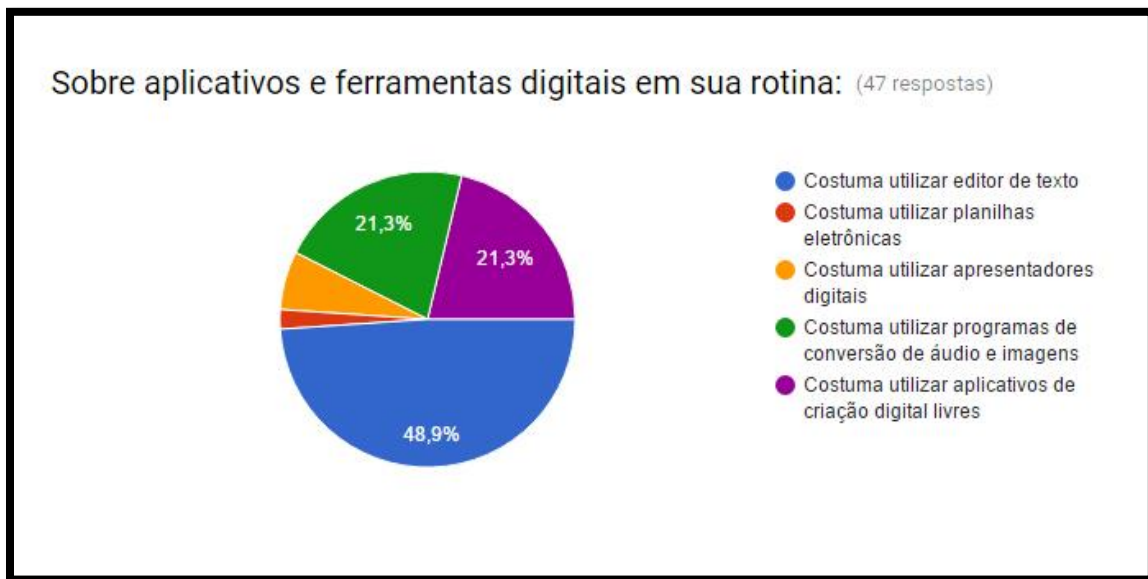


Gráfico 15: Costuma utilizar: editor de texto, planilhas eletrônicas, apresentadores digitais, programas de conversão de áudio e imagens, aplicativos digitais livres.

Fonte: autoria própria.

Quando utilizada outra terminologia para identificar programas usados de forma corriqueira pelos alunos eles não conseguem identificar do que se trata. Ex: não fazem a relação entre “apresentadores digitais” e “Power Point”. Os editores de texto, por exemplo, estão mais presentes no dia a dia dos alunos, na realização de trabalhos digitados, estes solicitados pelos professores. O uso de conversores e áudio, vídeos e imagens estão bastante disseminados na cultura do jovem. Chama a atenção o uso dos aplicativos de software livre. Um número grande, por que será?

Esse resultado possivelmente se dá devido a restrição da aplicabilidade e dessas ferramentas na vida escola dos alunos, pois o uso das TIC limita-se mais ao consumir o que já está pronto do que produzir algo a partir dessas ferramentas.

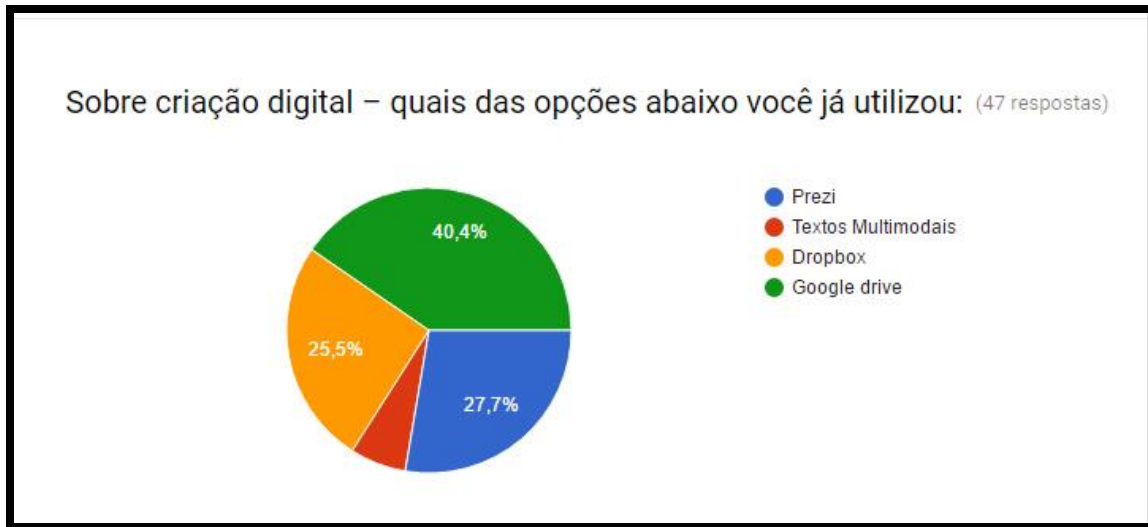


Gráfico 16: Para criação digital já utilizou: prezi, textos multimodais, dropbox e google drive.

Fonte: autoria própria.

A resposta mais significativa é a da criação de textos multimodais: *chats*, páginas, *tweets*, *posts*, *ezines*, *funclips* etc.

Segundo Dionísio (2007) definiu texto multimodal como “um processo de construção textual ancorado na mobilização de distintos modos de representação”. Na fala da referida autora, “palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.” (p. 178).

Por sua vez, não dominando as questões básicas de ferramentas tecnológicas, como os participantes em questão poderiam desenvolver o senso crítico, fazer uma leitura mais aprofundada do mundo em que vive? Como poderiam tornar-se sujeitos com uma formação letrada pautada em princípios ideológicos e que pudessem interpretar os eventos ao seu redor? Levar o aluno a fazer isso é de suma importância na demanda da educação da atualidade, em especial com as novas tecnologias. É preciso, contudo, garantir que ele primeiro seja alfabetizado digitalmente para que em consonância com esse trabalho ele possa ser letrado. Como dizia Paulo Freire, a leitura da palavra, isto é a alfabetização não pode se desvencilhar da leitura do mundo como descrito a seguir:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2009, p.11)

Essa alfabetização depende acima de tudo de um professor que seja letrado e alfabetizado nesse sentido para que possa trazer mediações interessantes para a sala de aula no que diz respeito ao uso dos recursos tecnológicos. E essas mediações não envolvem a tecnologia pela tecnologia, é preciso que a metodologia aplicada em sala de aula promova produções a partir da tecnologia não simplesmente o seu consumo.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos um levantamento sobre alfabetização e Letramento Digital a partir de um estudo parcial com alunos do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Londrina, Paraná.

O objetivo foi identificar se os mesmos são alfabetizados digitalmente e se possuem Letramento Digital.

O estudo revelou que os estudantes não têm preparo suficiente para manusear o computador e seus periféricos. Tal constatação demonstra que a aprendizagem desses alunos não transcorre satisfatoriamente, pois as atividades propostas são feitas de forma mecânica e algumas vezes não são totalmente executadas.

Os alunos apesar de serem intitulados “nativos digitais”, não sabem lidar com todo o potencial que as novas tecnologias oferecem, sendo assim, não podem ser considerados letrados digitalmente e sim que estão no processo de Alfabetização Digital.

Em consequência disso, o Letramento Digital passa a ser uma prática distante para os mesmos, o que atua desfavoravelmente no sentido da aquisição e apropriação de novos gêneros, limitando a leitura de códigos e signos.

Os sujeitos reconhecem as novas tecnologias digitais e fazem uso de algumas delas no seu dia a dia, inclusive dando abertura para outras possibilidades de estudo, comunicação, mas pouca ou quase nada na produção de conhecimento.

No referencial teórico abordado fica claro que o Letramento Digital não está definido apenas pela operacionalização das tecnologias.

Ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso. Com esse trabalho foi possível verificar que existem critérios diferentes quando se quer definir se um indivíduo é letrado ou não letrado. Isso ocorre porque não se pode basear em uma única definição de letramento, pois não existe uma universalidade de conceitos que abarque as múltiplas habilidades individuais e sociais e as competências funcionais correspondentes ao termo no que diz respeito aos diversos contextos culturais e políticos.

Apesar de ter sido identificada uma predisposição para o uso das Tic, na prática cotidiana de sala de aula, o uso das tecnologias como instrumento facilitador do processo de ensino e aprendizagem não é efetivo. Neste sentido, compreende-se que há distinção entre utilizar a tecnologia como instrumento facilitador e/ou mediador no processo de ensino e aprendizagem, em movimentos de articulação entre os conhecimentos, e sua utilização apenas como forma de acesso a um universo de informações que não se sabe o que fazer com elas.

Nesta investigação nos deparamos com um quadro positivo sobre a inserção no mundo digital dos alunos envolvidos na pesquisa, onde a maioria são usuários assíduos de tais recursos. Mas os dados não nos trazem informações mais claras sobre os aspectos do entendimento sócio cultural destes alunos. A partir do exposto, compreende-se que pra o Letramento Digital implica-se associar ideias e informações, utilizando-as de modo estratégico e de maneira crítica por meio do uso dos computadores e outras plataformas digitais similares. Isto tudo deve ainda permitir uma nova construção de pensamentos e raciocínios.

Dessa forma, encontramos nessa investigação respaldos significativos para ampliar ainda mais as pesquisas acerca do nosso objeto de estudo, a fim de contribuir para a melhoria do entendimento e das práticas pedagógicas que possibilitem o avanço e apoderamento por parte dos alunos da alfabetização e Letramento Digital.

REFERÊNCIAS

- AAKER, ET AL (2001) **“Marketing Research”** (7th Ed.), New York: John Wiley & Sons, Inc
- ALMEIDA, M. E. B. **Educação, ambientes virtuais e interatividade**. In: SILVA, Marcos (Org.). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.
- BAKHTIN, Michail. **Estética da Criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes [1979]. 1992.
- BARBOSA, C.A.P.; SERRANO, C. A. (2005). **O blog como ferramenta para construção do conhecimento e aprendizagem colaborativa. Relatório de pesquisa**. Fundação Armando Álvares Penteado, 011-TC-C3. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/011tcc3.pdf>>. Acesso em 10/08/15
- BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Oxford, Grã-Bretanha; Cambridge, E.U.A.: Blackwell, 1994.
- BARTON, D & HAMILTON, M. **Local Literacies: Reading and writing in one community**. London, Routledge, 1998
- BORGES, J. A. S., Silva, G. P. (2006) **“NeanderWin – Um simulador didático para uma arquitetura do tipo Acumulador”**, In: Workshop Sobre Educação em Arquitetura de Computadores, Ouro Preto: SBC.
- BUZATO, M. **Letramento digital abre portas para o conhecimento**. Portal Educarede, 11 mar. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/html/index_busca.cfm>. Acesso em 12 mar. 2015.
- DIONISIO, A. P. **Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades)**. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização** tradução Horácio Gonzáles et.al.24ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, M. **Tecnologias digitais e cinema na formação de professores.** In: FREITAS, M. (Org.). Escola, tecnologias digitais e cinema. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 16ª ed. 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. 2. ed. 8. reimpr. ____ Belo Horizonte: Autêntica 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as Novas Mídias.** In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. Intercom 2004/Anais 2004, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999

KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: _____. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas, UNICAMP/MEC, 2005

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica: do projeto a Implementação.** Porto Alegre: Artmed. 2008. 328 p.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p.149-158, 1991.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A C., **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 94.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12. ed. Campinas, SP: Papirus. 2006. p.11-66.

Revista Educar -< <http://www.edsegmento.com.br/educar/?p=602>> . Acesso em Abril de 2016

SAMPAIO, M. N. & Leite, L. S. (2004). **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis: Vozes, 2004. 110 p.

SIGNORINI, Inês M. **Letramento e (in) flexibilidade discursiva**. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

SILVA, M. da. **Explicação do conteúdo**: elemento estruturante da aprendizagem eficaz. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.115, p.195-205. 2002.

SOARES, M. **Letramento**: tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento e Escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. 287 p.

TAKAHASHI, T. (org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: MCT, 2000

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital**. São Paulo, São Paulo: Macron Books, 1999.

TARAPANOFF, K.; SUAIDEN, E.; OLIVEIRA, C. L. **Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação**. DataGramZero: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.3, n.5, out. 2002.

TFOUNI, Leda Verdiane. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995

TONIDANDEL, I., Maissiat J., Camargo, L. S. (2006). **As Demandas Sociais e Tecnológicas**: o docente e a internet. UNIrevista - Vol. 1, nº 2 (abril 2006), ISSN 1809-4651. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Tonidandel_et_al.pdf. Acesso 10-out-2016.